

Busca Vida Filmes apresenta

ELENA

Um filme de Petra Costa
(Brasil, 2013, 82 min)

"Uma das experiências mais agudas e dilacerantes que já vivi no cinema. De uma beleza incomum, o filme fica entranhado em nós por um longo tempo. Imperdível!"

Walter Salles
diretor de "Central do Brasil"

*"ELENA é uma experiência cinematográfica rara.
Um filme que provoca 60 insights por minuto."*

Fernando Meirelles
diretor de "Cidade de Deus"

"Um dos mais belos documentários brasileiros dos últimos anos."

Rodrigo Salem
Folha de S. Paulo

"ELENA fala das perdas vivenciadas na carne com um talento e uma coragem pouco comuns. Ecoa fortemente dentro da gente, dor para curar a dor."

Mauro Ventura
O Globo

*"Primeiro, há três mulheres misturadas. Depois, existe a busca e a separação.
Elena agora é memória. E a memória é uma casa viva.
É um dos mais belos documentários que eu já vi."*

Eliane Brum
jornalista

“Um filme que eu gostaria de ter feito. Me deixou arrepiado várias vezes, porque é um filme sobre a dor e a incompreensão da morte. E a morte não deveria existir.”

Ignácio de Loyola Brandão
escritor

“Já perdi a conta das vezes em que me perguntaram para que serve um documentário. Geralmente é assim: ‘O que você quis dizer com o filme?’ Ou: ‘Qual o propósito do teu filme?’ Ou, na versão Correios e Telégrafos, muito popular: ‘Qual a mensagem do teu filme?’ Ou ainda, na formulação utilitária: ‘Por que você fez esse filme?’

Não existe uma boa resposta para essas coisas pela simples razão de que a pergunta, em todas as suas configurações, é ruim. Numa situação dessas, a gente tenta ser educado e diz coisas que mais tarde viram motivo de eterno arrependimento. A verdade é que as razões pelas quais um filme é realizado ou são muito banais (porque nos pagaram, porque é o que fazemos da vida) ou muito misteriosas (o impulso de dar forma a algo que, por ainda não estar formulado, não pode ser explicado de antemão).

Para mim, a verdadeira prova dos nove de um documentário não está nas razões que o levaram a existir, mas na força com que o próprio filme afirma a sua existência. Quero dizer o seguinte: com frequência maior do que o desejável, filmes não conseguem convencer o espectador de que são necessários (os filmes, não os espectadores). Caso não existissem, fariam pouca diferença, seja para quem assiste (o que é importante), seja para quem o realizou (o que é vital). Estes são os filmes dispensáveis. Os outros, poucos, não deixam dúvida de que, por causa deles, alguma coisa mudou. Pode ser a nossa percepção das coisas, a nossa empatia com o mundo, o próprio cinema. O espectador sabe. Algo se adensou.

ELENA é um filme assim. No centro, o evento trágico de uma vida interrompida cedo demais. Os vivos se despedaçam. O filme reintegra os pedaços, na medida em que isso é possível, ou seja, imperfeitamente. Não existe a ingenuidade de achar que a arte recupera a plenitude anterior ao drama. É o contrário, creio. Através do filme, o que se tenta é encontrar um modo de conciliar-se com a irrevogabilidade da morte, aprendendo a viver com o que fará falta para sempre. Se não existe desfecho limpo, de laço de fita, tampouco há prostração, pois é preciso seguir vivendo – e se possível, vez por outra, dançar um pouco, como na cena final. Esse gaio realismo, esse desejo de encontrar a alegria apesar de tudo, é o que fica e o que faz com que um filme sobre a morte consiga afirmar a vida de maneira tão forte.

A impressão final é que Petra, diretora e irmã, fez e foi feita pelo filme, um pouco como aquela imagem em que uma mão desenha outra mão e é por ela desenhada. Sem a diretora, Elena não existiria; sem Elena, minha impressão é que a diretora seria mais triste, a vida presa a um luto sem resolução. Do ponto de vista do espírito, ela também seria mais pobre, pois não teria a experiência de haver realizado um dos mais bonitos filmes a que assisti em muito tempo.”

João Moreira Salles
diretor de “Santiago”

APRESENTAÇÃO

A despedida veio na forma de um presente singelo: uma concha. "Quando você sentir saudade, encoste a concha no seu ouvido e assim a gente pode se falar", disse a irmã, 13 anos mais velha. Petra, aos 7, voltaria muitas vezes àquela concha nos dias seguintes. Semanas, meses, duas décadas se passaram. Petra já era atriz e cineasta quando voltou a Nova York à procura de Elena, decidida a filmar sua ausência. Encontrou o rastro da irmã em lembranças esparsas, fragmentos do que viveram juntas, depoimentos registrados em fitas cassete e imagens capturadas por uma câmera amadora quando era ela, Elena, quem sonhava em ser atriz de cinema.

ELENA é um filme sobre a persistência dessas lembranças, a irreversibilidade da perda, o impacto causado na menina de 7 anos pela sólida ausência da irmã – a quem Petra chama de sua "memória inconsolável". É, também, um filme sobre a delicadeza. Concebido como um documentário de fundo psicológico, o primeiro longa de Petra Costa acompanha a jornada percorrida por ela para resgatar – e, de certa maneira, explicar – as frustrações e angústias que arrastaram a vida de Elena a um desfecho trágico. Em 80 minutos, o espectador é convidado a mergulhar num passado ainda pungente para, junto com Petra e suas recordações, emergir da dor e se emancipar. "Pouco a pouco, as dores viram água, viram memória", diz a diretora, a um só tempo atriz e personagem.

ELENA é, ainda, um filme sobre o Brasil, sobre o rescaldo da ditadura militar, sobre a geração que cresceu nos anos 1980 – a "década perdida" – com o desafio de batalhar por seus sonhos quando a maioria a acusava de não ter bandeiras ou ideais. Acima de tudo, a geração da abertura, educada por pais militantes que, em tempos de redemocratização, repudiavam toda forma de repressão e buscavam criar seus filhos com absoluta liberdade.

Produzido pela Busca Vida Filmes, ELENA tem patrocínio da Oi, por meio da Lei do Audiovisual, e contou com apoio do Latin America Media Arts Fund, vinculado ao Tribeca Film Institute, e da Fundação Ford.

SINOPSE CURTA

Duas décadas depois de deixar Nova York, ainda criança, a diretora Petra Costa volta à cidade em busca da memória de sua irmã Elena.

SINOPSE LONGA

Elena viaja para Nova York com o mesmo sonho da mãe: ser atriz de cinema. Deixa para trás uma infância vivida na clandestinidade dos anos de ditadura militar. E deixa Petra, a irmã de 7 anos. Duas décadas mais tarde, Petra também se torna atriz e embarca para Nova York em busca de Elena. Tem apenas pistas. Filmes caseiros, recortes de jornal, um diário. Cartas. A todo momento, Petra espera encontrar Elena caminhando pelas ruas. Pega o trem que Elena pegou, bate na porta de seus amigos, percorre seus caminhos. E acaba descobrindo Elena em um lugar inesperado. Aos poucos, os traços das duas irmãs se confundem. Já não se sabe quem é uma, quem é a outra. A mãe presente. Petra decifra. Agora que finalmente encontrou Elena, Petra precisa deixá-la partir.

PRÊMIOS

- 45º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro – melhor direção, montagem, direção de arte e filme pelo júri popular (todos na categoria documentário).
- 28º Festival Internacional de Cinema de Guadalajara – menção especial
- 9º Festival Internacional de Documentários ZagrebDox – menção especial
- Films de Femmes 2013 – melhor documentário

PETRA COSTA: ENTREVISTA COM A DIRETORA E ATRIZ

Petra Costa é diretora, produtora e atriz. Formou-se em Antropologia no Barnard College, Columbia University, em Nova York, e fez seu mestrado na London School of Economics, em Londres. Desde os 15 anos, trabalha profissionalmente como atriz. Dirigiu e produziu o curta *Olhos de Ressaca*, um retrato poético sobre o amor e o envelhecer, visto pela perspectiva de seus avós. Em 2009, *Olhos de Ressaca* foi selecionado e exibido em festivais nacionais e internacionais, recebendo importantes prêmios como Melhor Curta-Metragem no Festival do Rio, Melhor Curta-Metragem no Festival Internacional de Documentário de Londres (LIDF), Melhor Documentário de Curta-Metragem no Festival Internacional Cine Las Americas e Prêmio Especial do Júri no Festival de Gramado. Seus filmes são uma extensão de seus estudos e experiência artística. Assim como *Olhos de Ressaca*, ELENA, seu primeiro longa, é um filme extremamente pessoal, sobre amor e perda.

Como surgiu a ideia de filmar ELENA?

Eu tinha 17 anos quando pensei nisso pela primeira vez. Estava fazendo uma oficina com o Teatro da Vertigem e, numa aula, recebi um tema para um exercício: o livro da vida. Voltei para casa com a tarefa de criar algo e fiquei pensando em qual seria o *meu* livro da vida? Revirando armários, encontrei um diário da Elena. Ao folheá-lo, tive a estranha sensação de estar lendo minhas próprias palavras, como se lesse um diário meu que eu nunca tivesse escrito. Foi uma identificação completa. Até então, minha relação com ela era de idealização. Nós nunca convivemos de igual para igual. E ela tinha escrito aquele diário aos 17 anos, a mesma idade que eu tinha na época. Entendi que ela havia passado pelas mesmas coisas que eu estava passando foi muito forte. Crises por achar que já estava velha para ser atriz, inseguranças amorosas... Na mesma época, li *Hamlet* pela primeira vez. E descobri na Ofélia o arquétipo feminino que estava presente tanto na Elena quanto em mim. A dificuldade da transição da adolescência para a fase adulta, não saber lidar com as emoções, que transbordam e que não se sabe como canalizar, sofrendo quase uma asfixia. Outra influência foi o filme *Bicho de Sete Cabeças*, de Laís Bodanzky, que entre outras coisas trata do rito de passagem para a vida adulta do ponto de vista masculino. Quando vi o filme, me dei conta de que muitas jovens também tinham questões semelhantes e que faltavam filmes sob a ótica feminina. Decidi que, um dia, faria um longa sobre o tema. Dez anos depois, comecei a jornada.

Para você, ELENA também é um filme sobre a reconstrução da memória?

O filme veio dessa vontade de assimilar a ausência de Elena e, assim, aprender a dançar com ela. Para isso passei por um processo de mergulho na memória. Passei meses escrevendo e reavivando todas as lembranças que tinha de Elena, e essas foram ganhando detalhes, cheiros, sensações. O maior presente foi encontrar 20 horas de vídeos que Elena tinha gravado na época em que eu nasci. Revivi por dias aqueles anos dos quais eu não tinha nenhuma memória consciente, entre meu nascimento e meus três anos de idade. Por meio de imagens e sons, percorri um túnel do tempo privilegiado.

Você convenceu sua mãe a voltar a Nova York e a encarar os cenários em que se deu o episódio da morte da sua irmã. Como foi esse processo?

Não foi fácil para ela voltar a Nova York, voltar à casa em que tudo aconteceu. Minha mãe sofreu muito por dez anos, e seu luto foi muito forte, de sentir culpa 24 horas por dia. A gente sempre conversou sobre a culpa que ela sentia, sobre como ela lidava com a perda, e ela descrevia sua sensação de culpa como uma compulsão por “repassar o filme”, na expressão usada por ela, do que havia acontecido com Elena. Mas me parece que esse processo desempenhou uma função de certa forma terapêutica. Ela mesma disse que se sentiu aliviada.

Você diz que, ao fazer o filme, a sua irmã morreu de novo para você. Como foi esse processo de reencontrar e se despedir novamente de Elena?

Lembro a dor que tive na época quando eu tinha 7 anos. Nessa segunda ocasião, 20 anos depois, foi uma dor mais consciente, mais crua, mais cruel. A dor daquela época era meio nublada, difícil de identificar. Era uma tristeza generalizada que tomava tudo. O ano em que ela morreu foi um ano muito triste, não apenas em razão de sua morte. Houve a mudança para Nova York, separações... Para mim, a grande diferença é que eu conheci a morte ainda criança. A perspectiva da vida é diferente quando se tem contato com o luto tão cedo. Acho que cresci de um jeito diferente por isso.

Você já pensou em ‘para quem é esse filme’, já que é tão pessoal, em que você se expõe tanto?

Todo artista se expõe muito em sua obra, seja ela biográfica ou não. Eu simplesmente precisava realizar esse longa. Sobre o público-alvo, eu gostaria muito de poder mostrar para os jovens de maneira geral, porque o filme fala muito da transição para a vida adulta. E gostaria que mulheres, filhas, mães, irmãs, atores, psicólogos e o máximo possível de pessoas o vissem.

Em paralelo à história de Elena, essencialmente particular, o filme trata de um tema universal: a difícil realidade do ator no mundo e no mercado.

Exatamente. É dura a profissão de ator. Entendo muito o que ela passou. Ser atriz pode ser extremamente gratificante, mas também pode ser muito sofrido. O ator é constantemente julgado. Ou o ator está surfando ou está se afogando. Muitas vezes, depende de alguém, de um diretor, de um projeto, para poder se expressar. Elena estava havia um ano e meio em Nova York e não conseguia trabalho. Para alguém tão sensível era duríssima essa realidade. Até mesmo a cena do suicídio, a última noite, era uma vontade de, de alguma forma, fazer uma cena. De poder de alguma forma expressar sua dor.

Há também um subtexto histórico interessante no filme, contando a trajetória recente do Brasil.

Sim. Minha irmã nasceu em 1969, anos de chumbo, início dos tempos mais duros da ditadura militar. Elena teve de viver clandestinamente parte da infância, porque meus pais, que eram militantes de esquerda, caíram na clandestinidade pouco depois do Congresso da UNE em Ibiúna (SP), semanas antes da declaração do AI-5. Elena viveu os seis primeiros anos de vida escondida em Londrina, no Paraná, mas tinha de dizer que morava em Goiás toda vez que ia visitar a família, passar alguns dias na casa dos avós. Sempre me perguntei de que forma essa experiência marcou a personalidade dela. Além disso, ela simboliza essa geração, que viu o fim das utopias. Viveu um período conturbado, com o surgimento da Aids, doença que chegou matar alguns amigos dela. E viveu a realidade de um Brasil que não oferecia oportunidades para os jovens, muito menos para quem quisesse trabalhar com cinema. Tanto que ela foi para Nova York para poder batalhar pela carreira com a qual sonhava. ELENA, o filme, é, de fato, um retrato desse tempo e dessa geração.

FICHA TÉCNICA

ELENA (Brasil, 2013, 82 min)

Direção: Petra Costa

Elenco: Elena Andrade , Li An e Petra Costa

Roteiro: Petra Costa e Carolina Ziskind

Fotografia: Janice d'Avila, Miguel Vassy e Will Etchebehere

Montagem: Marília Moraes e Tina Baz

Desenho de Som: Olivier Goinard e Guile Martins

Produção Executiva: Julia Bock e Daniela Santos

Coordenação de Produção: Vanessa Elias

Coordenação de Pós-Produção: Laura Futuro

Produção de lançamento: Bernardo Bath

BUSCA VIDA FILMES

A Busca Vida coproduziu o curta *Olhos de Ressaca* e produziu o longa ELENA, ambos com direção de Petra Costa. É coprodutora dos documentários *Lira Paulistana e a Vanguarda Paulista*, de Riba de Castro, e *Orestes*, de Rodrigo Siqueira, e da peça *Rouge*, de Eryk Rocha, concebida por Martha Kiss Perrone.

ASSESSORIA DE IMPRENSA

F&M ProCultura

Tel.: 11 3263-0197

Margarida Oliveira: margom@uol.com.br

Carolina Moraes: carolina@procultura.com.br